

Direcção científica:

João Valente Aguiar (Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

João Teixeira Lopes (Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Virgílio Borges Pereira (Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Conselho consultivo:

Acácio de Carvalho, artista plástico e professor universitário

Alan Freeman (Birkbeck College, Londres)

Bev Skeggs (Goldsmiths College, Londres)

Maria Elisa Cevasco (Universidade de São Paulo, Brasil)

Design e direcção artística:

Nádia Bastos

Linha editorial:

Em Portugal são raras as publicações científicas que abordam contínua e sistematicamente problemáticas relacionadas com a Sociologia da Arte. Num tempo em que o domínio simbólico-ideológico adquiriu uma forte presença na determinação da vida quotidiana e na estruturação das sociedades contemporâneas, assume forte pertinência a criação de uma colecção dedicada a esta área disciplinar da Sociologia. Foi em torno deste propósito de divulgação e de criação de um espaço de debate alargado que o Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ISFLUP) e a editora Apenas Livros decidiram lançar a colecção Arte e Sociedade. Publicação naturalmente ancorada em protocolos de cientificidade, Arte e Sociedade pretende, ao mesmo tempo, criar pontes com outros campos da vida social e artística. Inserida no quadro da linha de investigação do ISFLUP «Desigualdades, cultura e território», Arte e Sociedade configura-se como uma publicação aberta à contribuição de estudos originais que permitam afinar e compreender mais agudamente as dinâmicas e processos sociais e culturais que subjazem à produção literária, artística, arquitectónica, entre outras.

www.apenas-livros.com

«AS TÉCNICAS DO CORPO»¹

Marcel Mauss

I - Noção de técnica do corpo

Digo exactamente *as* técnicas do corpo porque podemos elaborar a teoria da técnica do corpo a partir dum estudo, duma exposição, duma descrição pura e simples *das* técnicas do corpo. Por esta palavra, entendendo as formas pelas quais os homens, sociedade por sociedade, dum modo tradicional, sabem servir-se dos seus corpos. Em todo o caso, é preciso partir do concreto para o abstracto e não inversamente.

Vou pôr-vos a par do que creio ser uma das partes do meu ensino que não se encontra noutras fontes, que repito num curso de Etnologia Descritiva (estão para publicar os livros que hão-de conter as *Instruções Sumárias* e as *Instruções para Uso dos Etnógrafos*), e que já experimentei diversas vezes nas minhas aulas no Instituto de Etnologia da Universidade de Paris.

Quando uma ciência natural faz progressos, nunca os faz senão no sentido do concreto, e sempre no sentido do desconhecido. Ora, o desconhecido encontra-se nas fronteiras das ciências, lá onde os professores «se comem entre si», como diz Goethe (digo comem, mas Goethe não era tão delicado). É geralmente nestes domínios malpartilhados que se encontram os problemas urgentes. Estas terras incultas ostentam, por outro lado, um estigma. Nas ciências naturais tal como elas existem, encontramos sempre uma rubrica perversa. Há aí sempre um momento em que, não estando a ciência de certos factos reduzida ainda a conceitos, não estando mesmo estes factos agrupados organicamente, apõe-se sobre estas massas de factos um ferrete de ignorância: «Diversos». É aí que é necessário penetrar. Estamos seguros ser aí que há verdades a descobrir: primeiro porque sabemos que não sabemos, e porque temos o sentido exacto da quantidade de factos. Durante muitos anos, no meu curso de Etnologia Descritiva, tive de ensinar carregando comigo esta desgraça e este opróbrio dos «diversos» num ponto em que esta rubrica «Diversos», em etnografia, era verdadeiramente heteróclita. Bem sabia que a marcha, a natação, por exemplo, todas as coisas deste

⁸ Esta é uma das boas observações de GRAEBNER, *ibid.*

⁹ Curt SACHS, *Weltgeschichte des Tanzes*, Berlin, 1933.

¹⁰ Acabo de o ver por fim utilizado (Primavera de 1935).

¹¹ O termo Chelense (*Chelléen* no original francês) hoje caído em desuso, designava uma indústria lítica do Paleolítico inferior da Europa Ocidental, anterior ao Auchelense e caracterizada por bifaces grosseiras e irregulares. Introduzido em 1878 por G. de Mortillet, derivava o seu nome do sítio homónimo de Chelles (Seine-et-Marne, França). (N.T.).

O CORPO TATUADO SOB O OLHAR DOS OUTROS: A GESTÃO SOCIAL DE UM PROJECTO CORPORAL*

Vitor Sérgio Ferreira

(Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa)

Introdução

«O corpo individual deve a sua existência à realidade do corpo social. Ou melhor, numa perspectiva construtivista, o corpo próprio é “construído” pelo corpo social: é o olhar do outro que me cria», formula perspicazmente Maffesoli (2002 [1992], 241). Na medida em que o corpo individual não existe senão por relação ao outro, em relação com o outro e sob o olhar do outro, também o corpo tatuado sente a necessidade do *outro* na confirmação e legitimação do valor diferencial do projecto estético que encarna. Apesar de sustentados por uma gramática de produção eminentemente autobiográfica¹, seria ingénuo pensar que os projectos extensivos de marcação corporal são puramente *para si*, formulados, apreciados e inteligíveis na solidão do sujeito que os transporta.

A tatuagem «está na pele, faz pele: autêntica extensão exposta, toda voltada para fora ao mesmo tempo invólucro do interior» (Nancy 2004, 22). A epiderme, o maior de todos os órgãos do corpo, não é apenas a fronteira corporal do indivíduo, mas também sua primeira *zona de contacto* com o mundo, sujeita ao olhar alheio pela visibilidade que inevitavelmente obtém. A sua modificação voluntária, qualquer que seja o regime adoptado, sugere uma estratégia de figuração do indivíduo perante os outros que sempre provoca ou aguarda alguma forma de reconhecimento social.

A expressividade simbólica de que a pele tatuada é investida na sua origem implica sempre, portanto, um receptor. Embora revista *corpos do contra*, estes não deixam de ir *ao encontro*. Na sua produção, existe sempre imanente uma vontade de se dar a ver, de apelar ao olhar, estejam as tatuagens permanentemente disponíveis a todos – designadamente quando ostentadas e colocadas em evidência na «pele pública» – ou apenas aos cúmplices do projecto. A pele inscrita funciona como um ecrã que reclama espectadores, mesmo quando criteriosamente seleccionados segundo deliberação do próprio. Enquanto enunciados

performativos de emancipação pessoal e afirmação social de subjectividades que se pretendem singulares, os projectos de marcação do corpo envolvem necessariamente um movimento conspícuo de reconhecimento e confirmação social, o que implica o escrutínio ao olhar do outro – ainda que, com frequência, na base de uma rigorosa gestão social da visibilidade do projecto.

O estilhaçamento semiótico do corpo tatuado

As referências *neobarrocas* (Calabrese 1999 [1987]), que formalmente modelam o corpo extensivamente marcado, configuram uma *estética da presença* (Le Breton 2002, 103) que estimula o olhar social, por via da sua divergência, face aos padrões de corporeidade dominante na actual cultura somática². As tatuagens possuídas são habitualmente ostentadas num misto de orgulho e provocação, tornando-se numa forma de encenação identitária utilizada para escapar e combater a indiferença e o anonimato impressos na vivência corporal em contextos de urbanidade. Quando se dão a ver, as tatuagens chamam a atenção para a presença do sujeito que as ostenta, fazendo sobressair o corpo da sua habitual *ausência presente*, ou seja, do esquecimento relativo no qual está acantonado por entre as rotinas da vida quotidiana, conferindo-lhe uma espectacularidade que, deste modo, faz evidenciar e singularizar o sujeito marcado.

Já Simmel (1997 [1903]) conceptualizava a experiência urbana como sendo essencialmente visual, sendo as primeiras informações recolhidas sobre os outros com quem quotidianamente se interage provenientes, sobretudo, da sua aparência. O olhar sobre o corpo joga, de facto, um papel central nas trocas sociais e nos sistemas de conhecimento interpessoais. Num meio em que domina uma atitude *blasé* por reacção à intensificação dos estímulos sensoriais proporcionados pela acentuada complexidade e extensividade da vida metropolitana, «isto acaba por conduzir ao aparecimento das mais estranhas excentricidades, a extravagâncias de autodistanciação tipicamente metropolitanas, ao capricho e ao tédio, cujos significados já não derivam, em si, da actividade desempenhada, mas do facto de esta ser uma forma de se “ser diferente” e de se fazer notar. Para muitas pessoas, a estratégia de captação da atenção de outrem continua a ser a única forma de preservar alguma auto-estima e de salvaguardar o seu sentido de lugar» (Simmel 1997 [1903], 40).

Ora, um projecto extensivo de marcação corporal é susceptível de gerar perplexidade e choque e, deste modo, focalizar, de modo incisivo e autónomo, a atenção dos outros sobre o sujeito marcado, quebrando a dinâmica de impessoalidade e despersonalização da cultura subjectiva característica das grandes metrópoles. Na mesma linha, Diógenes salienta a *voracidade do olhar* nas grandes cidades e, por consequência, o poder da imagem corporal como força motriz nas sociedades modernas: «olhar e ser olhado torna-se o modo mais eficaz de se fazer presente na esfera pública. Essa necessidade de «transparência social» faz de cada indivíduo um actor por excelência. *Performances*, estilos, coreografias, ou seja, «encenações públicas», dinamizam o acontecer social», designadamente entre aqueles que são objectivamente colocados nos «bastidores da cena social», que frequentam as zonas mais subterrâneas e intersticiais do espaço social (Diógenes 1998, 181).

A invisibilidade por que se rege o exercício de cidadania e participação social de muitos indivíduos é contraposta à *mise-en-scène* que faz ressaltar o seu corpo quando largamente tatuado e perfurado, atraindo a atenção sobre si, desafiando o trabalho de leitura e decifração, sendo factor de comunicação visual e impacte social. A *lógica de ostentação* característica dos corpos extensivamente tatuados revela um *excesso de presença* na capacidade que tem de interpelar, de captar o olhar do outro sobre si próprio e de o deixar refém, de marcar e demarcar a pessoa no espaço público através do *efeito de choque social* que induz⁴. É uma estética que estimula o olhar e põe o corpo em protagonismo. E deste modo o sujeito sente que está *sendo visto no mundo e a partir do mundo*, como diria Sartre (1998 [1943]), 339). Ao mesmo tempo que provoca o olhar, o corpo marcado evoca o lugar subterrâneo e alternativo do seu portador, dando-lhe visibilidade social e espessura identitária.

Acho que as pessoas têm necessidade de chamar a atenção, de dizerem: «ai, eu também estou aqui! Também sou um ser vivo! Eu também cá ando!» Acho que as pessoas têm uma necessidade enorme de fazer isso. Senão, não tinham tanta necessidade de acenar à televisão, quando estão a filmar qualquer coisa, as pessoas estarem todas lá atrás a dizer adeus: «Eh! Eh! Oh!» e não sei quê e não sei que mais. Acho que as pessoas têm uma necessidade enorme de se mostrarem e de chamarem a atenção a elas próprias.

[Profissional de *body piercing*, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

A marcação do corpo assume assim a dupla forma de acto privado e público, de inscrição intimista e manifestação pública, facto que não deixa de produzir efeitos em contextos de interacção social. O corpo, ao ser tatuado e perfurado, deixa de ser vestígio material que «naturalmente» interpela para passar a marcar uma forma particular de existência, de presença e de inserção do sujeito no mundo, decorrente da aura de transgressão e provocação que, apesar da sua visibilidade acrescida, ainda acompanha estes recursos. A sua eficácia simbólica é capaz de potenciar reacções emocionais no *outro* não marcado que, raramente passando pela indiferença, podem ir da curiosidade à desconfiança, do estranhamento à repugnância, do elogio à hostilidade, da surpresa ao medo, da cumplicidade à desconfiança, da fascinação à aversão, não deixando de constituir informação adicional na forma como os outros percebem, categorizam e se relacionam com o sujeito marcado em situações de interacção face a face.

Não é novo o estatuto social da tatuagem como dispositivo expressivo de classificação social. Contudo, as inferências simbólicas que se fazem sobre um corpo tatuado não são necessariamente convergentes. O corpo tatuado, hoje em dia, é uma realidade semanticamente *disjuntiva*, estilizada nos seus significados. Se no passado o olhar sobre o corpo tatuado era informado por códigos relativamente restritos, quer no contexto das sociedades tradicionais, quer no contexto da sua introdução nas sociedades ocidentais, hoje as gramáticas de produção e de recepção das tatuagens já não estão obrigadas a qualquer tipo de relação simbólica preexistente com papéis ou estatutos sociais, assumindo a sua leitura uma forma incerta de prática interpretativa. Na polissemia que as caracteriza, estão disponíveis a todas as projecções de sentido e a todos os mal-entendidos. Não só a mesma marca pode ser investida de vários sentidos na intenção da sua produção, como a esta densidade simbólica acresce a pleora de significados que lhe são atribuídos pelos olhares que com ela se cruzam. A textualidade da pele tatuada passa a estar aberta a todas as significações, tornando-se num complexo território semiótico, onde pode potencialmente cruzar-se uma justaposição de traços e propriedades simbólicas, por vezes até aparentemente contraditórios.

O uso estilisticamente indiscriminado destes recursos, associado à sua (re)produção em condições de difusão e comercialização globaliza-

da, resultou na erosão dos seus idiomas tradicionais e na sua concomitante exaustão simbólica, por via da complexa hibridação dos signos e mensagens veiculados. Basta entrar num estúdio de tatuagem e olhar para os catálogos usualmente disponíveis, para observar como o mundo das marcas entrou num *sincretismo cultural* ímpar e inusitado, amalgamando o arcaico e o moderno, fundindo desenhos e materiais provenientes de diferentes culturas tradicionais, por vezes antagónicas, com a criatividade explosiva do mundo contemporâneo. Dissociadas dos sistemas culturais de origem, as tatuagens relevam hoje uma iniciativa pessoal acompanhada de uma narrativa que lhe confere um significado mais íntimo e pessoalmente codificado. Mesmo as tatuagens tribais, as mais correntemente solicitadas apesar de (ou porque...) iconograficamente mais abstractas, não deixam de induzir narrativas biográficas e alimentar mitologias individuais, fundadas sobre tradições notoriamente simplificadas no desconhecimento das fontes, mas poderosas na projecção de uma identidade pessoal.

O acto de tatuar não é hoje vivido com preocupações de fidelidade etnográfica ou filológica quanto ao seu conteúdo original. Este pode, inclusive, ser ignorado por ambos, tatuado e tatuador. Tatuar é um acto cuja intenção remete para a esfera íntima do desejo e do gosto próprio, ainda que frequentemente comercializado e consumido sob a égide de uma mitologia de autenticidade que evoca as raízes primordiais do homem, *in illo tempore*. Quando desenhos tradicionalmente tatuados são inscritos em corpos ocidentais, tal não passa de um gesto formalista de simulação, uma espécie de *citação cultural* (Breton 2002, 161) que pouco diz da integralidade radical da inscrição, apenas fá-la pressentir enquanto representação formalmente autêntica.

A sua comercialização não implica a concessão colectiva de nenhum significado em particular, mas, pelo contrário, a oportunidade de particularizar o sentido que lhe é investido, recorrendo a motivos e significados que não pertencem senão à própria biografia de quem é tatuado. Importa, sobretudo, a sua significação subjectiva, propriedade íntima do sujeito marcado, na medida em que subjaz à intencionalidade que este lhe confere no contexto de produção. Deste modo, ainda que esteticamente ostentada, os sentidos subjacentes ao projecto de marcação restam enigmáticos, mesmo para os «iniciados» nas artes da escrita no corpo.

A tatuagem dita tribal é a tatuagem artística, inspirada em motivos desenvolvidos por sociedades um pouco mais arcaicas que a nossa. Nessa altura, essas ditas tatuagens tribais tinham significado, marcavam passos diferentes no desenvolvimento do jovem para o adulto, dentro dessa sociedade, dentro da tribo. Muitas delas eram atribuídas às pessoas consoante a sua posição, consoante o que a pessoa era dentro da própria tribo. Os caçadores teriam direito a determinada tatuagem, os pescadores teriam direito a umas, os líderes teriam direito a outras. E o que é que acontece? Na sociedade dita ocidental, o mundo da tatuagem começou a absorver essas tatuagens, e começou a criar outras próprias, inspiradas nessas. Começaram a surgir imagens de força, normalmente numa só cor, o preto, porque a tatuagem vinha realçar determinadas áreas do corpo. Umas ostentariam força, outras, poder, outras, feminilidade, outras, masculinidade. A ideia é que o desenho, apesar de não significar nada em termos de imagem, tenha um significado em termos de sentimento. A tatuagem tribal é exactamente isso. Hoje em dia há pessoas que fazem tatuagens tribais só pelo símbolo, porque acharam que o símbolo é engraçado, porque acharam qualquer coisa. Muitas das vezes, as pessoas não fazem a mínima ideia do que é que estão a meter no corpo. Já vi muitas vezes pessoas a fazerem desenhos que são tipicamente femininos em corpos masculinos. Ninguém questiona o que é que está a fazer.

[Profissional de body piercing, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

Há, de facto, poucas convenções semióticas nas marcas corporais contemporâneas. Cada vez mais o seu significado original – enquanto significado convencional para a marca obtém no seu contexto de origem – é desconhecido no imaginário social de hoje. Já não preexiste qualquer equação simbólica entre signo e sentido. A águia não significa necessariamente liberdade; o leão, força; o brinco na orelha esquerda, a orientação sexual; as teias de aranha nos cotovelos, uma estada na prisão; uma lágrima ao canto do olho, a responsabilidade de tirar uma vida... Não que tais equivalências convencionais tenham desaparecido da circulação semiótica e, conseqüentemente, deixado de exercer efeitos sociais, designadamente quando são estabelecidas ao nível da recepção social das marcas.

Ainda que alguns desses códigos subsistam e se reproduzam em circuitos sociais muito circunscritos⁵, sobretudo os que ancoram em conotações de género, as tatuagens constituem signos cada vez mais flutuantes e arbitrários. Apropriadas como recursos tipicamente nar-

císicos, próteses expressivas do percurso de vida do sujeito marcado, o sistema simbólico que hoje domina sobre os projectos de marcação corporal denota-se contingente da biografia pessoal do seu possuidor, base fundamental do sistema de codificação que subjaz à sua gramática de produção.

[A tatuagem] põe cá fora, de facto, coisas que nós sentimos, não é? E deixamos os outros ver o que nós sentimos. Mas os outros não sabem interpretar, porque a interpretação é só nossa, só nós é que sabemos o que aquilo significa de facto.

[Professor no ensino secundário, licenciatura, sexo feminino, 32 anos]

Apesar de ambíguas e arbitrárias no seu significado, considerando a fixidez semiótica a que estavam tradicionalmente arreigadas, as tatuagens não são necessariamente «superficiais» e «vazias» de conteúdo, como as caracteriza Turner na «sociedade pós-moderna» (1999). Ainda que de conotações ambíguas e flutuantes, continuam a «significar», a constituir uma prática dotada de uma elevada densidade simbólica. Tal como Connerton chama a atenção, uma prática com significado não corresponde necessariamente a um símbolo (1993, 114). Se outrora a mensagem inscrita na marca fazia parte integrante do sistema de comunicação do grupo, que estava na posse do seu código denotativo, devidamente padronizado, harmonizado e institucionalizado, hoje à sua leitura subjaz um amplo e complexo sistema de significação, no qual confluem diferentes constelações simbólicas, por vezes antagónicas.

O actual confronto de gramáticas sobre o corpo tatuado

Se a actual polissemia dos sistemas de sentido acerca do corpo marcado não propicia qualquer tipo de consenso sobre os sentidos de um corpo marcado, também não afiança, de todo, o encontro entre gramáticas de produção e gramáticas de recepção das inscrições encarnadas. Pelo contrário, aumenta substancialmente a sua impossibilidade de simbiose semiótica ou, utilizando a expressão de Eliseo Veron (s/d), de *semiose social*, designação que o autor utiliza para dar conta do fenómeno de circulação inteligível de qualquer enunciado discursivo ou não discursivo entre instâncias de produção e instâncias de recepção, por via da coincidência entre as respectivas gramáticas.

Com efeito, se o universo simbólico de quem *já fez* ou *admite vir a fazer* uma ou mais marcas corporais, na sua versão de tatuagem ou de *body piercing*, tende a oscilar entre uma *percepção consumista* e uma *percepção identitária* das mesmas – encarando-as como mais um acessório disponibilizado pelo sistema da moda, ou privilegiando-as enquanto expressão estética e encarnada de uma identidade e de uma história de vida que se pretende singular(izada) –, fora do espaço de produção das mesmas continua a subsistir a imagem estereotípica que, sobre elas, foi sendo historicamente construída no mundo ocidental. Trata-se de uma imagem estribada numa percepção desviante, patológica e masoquista das marcas corporais, fundada em categorias estigmáticas que as conotam com delinquência, mortificação, mutilação e loucura, e fundadora de uma estética ameaçadora que muitas vezes provoca desconfiança e medo entre os sujeitos pouco familiarizados com corpos marcados (Ferreira 2003).

Essas mesmas categorias de percepção vêm, por sua vez, informar os sistemas de classificação social aplicados aos sujeitos marcados. As inscrições corporais criam uma inevitável interdependência entre «texto» e corpo. São realidades que, dada a natureza invasiva e permanente da incorporação das marcas, se unificam: quem olha para o corpo não separa o texto que «lê» da pessoa que o suporta. Corpo e palavra fundem-se em imagem, em signos, em comunicação. Qualquer que seja a leitura que informa o olhar, não se circunscreve apenas aos desenhos e objectos encarnados, mas imediatamente é estendida à pessoa que os transporta.

As tatuagens constituem, assim, uma forma privilegiada de produção e identificação social, na medida em que concedem determinadas propriedades simbólicas aos seus portadores. Dada a pluralidade de gramáticas actualmente disponíveis na leitura social das inscrições corporais, sucede habitualmente haver uma larga distância semiótica, até mesmo desencontro, entre as *propriedades individualmente investidas* na produção do projecto corporal e as *propriedades socialmente atribuídas* na sua recepção social, o que pode gerar descoincidências pouco confortáveis entre a identidade social (atribuída) e a identidade pessoal (reivindicada) do sujeito extensivamente marcado.

É por referência a este desencontro entre gramáticas de produção e gramáticas de recepção e, por sua vez, entre propriedades investidas e

atribuídas, que podemos compreender, por exemplo, as frequentes oposições parentais e as reacções socialmente mais adversas aos projectos de marcação corporal dos jovens de hoje. As gramáticas de recepção que informam as propriedades simbólicas atribuídas aos portadores deste tipo de projectos, mantêm-se amplamente ancoradas num conjunto de informação social historicamente acumulada, cristalizada e legitimada sobre a tatuagem e o *body piercing*, informação essa que continua a condicionar largamente o valor e a semântica conotativa dessas inscrições epidérmicas, a alimentar os processos de categorização social de que os seus praticantes são alvo, bem como a formatar as situações sociais de que são protagonistas quotidianamente. A sua aparência persiste em evocar um mundo social de «selvajaria», «desvio» e «marginalidade», continuando a remeter para uma história social que incrimina, patologiza e descredibiliza socialmente.

A minha mãe, os meus pais, e se calhar os meus tios e isso, associam as tatuagens e piercing, e não sei quê, a... «são todos uns drogados!» e «andam para aí a assaltar lojas!», esse tipo de coisas. [...] Primeiro tentei explicar que não tinha nada a ver com essa onda de drogas, nem de nada dessas coisas, não é? Entretanto tentei mesmo explicar-lhe que tinha algumas minhas que também tinham, e que não tem nada a ver, pronto. Se calhar, há uns bons anos atrás, seria um bocado essa onda.

[Professor no ensino secundário, licenciatura, sexo feminino, 32 anos]

A reputação social do sujeito marcado, sobretudo na sua versão epidérmicamente mais extensiva, permanece, portanto, sob o risco do *stigma* (Goffman 1988 [1963]). A sua identidade social continua comprometida com uma *identidade de risco*: risco de ser conotado com o que não se é ou de sobreexpor o que se é e não se deveria ser, do ponto de vista dominante sobre a legitimidade social dos comportamentos. O corpo extensivamente marcado continua ainda a ser um *corpo sob suspeita*, potenciando efeitos socialmente recriminatórios, incriminatórios ou discriminatórios sobre o respectivo portador. Esses efeitos consubstanciam-se em situações de desigualdade no tratamento social deste por relação a outros corpos não marcados, na sua circulação e afazeres quotidianos, no acesso a determinados circuitos sociais, segmentos do mercado de trabalho, etc. Nesta perspectiva, torna-se claro o alcance sociológico da máxima de Pais, quando diz que «a

liberdade de opção que é própria da reflexividade de acção pode traduzir-se em ganhos de autonomia mas também em perdas de aceitabilidade» (Pais 2008, 247).

As pessoas falam imenso de racismo em relação às raças, mas eu sou também vítima disso, não é? Porque vá eu onde for, por exemplo, eu não sou atendida nas lojas da mesma maneira do que as outras pessoas, tenho de esperar que as meninas se recomponham da risota, da parvalheira, de tudo isso. É óbvio que quando eu entro num sítio [...] as pessoas ficam sempre desconfiadas. Por acaso aconteceu-me isso hoje de manhã com o W. Eu vim-me embora, e vim-me embora mesmo de propósito, porque eu tinha o segurança sempre atrás de mim! [risos] É muito estranho, mas é verdade. [...] E, normalmente, isso é frequente, nos supermercados e tudo isso, é frequente. Estou sempre a ser supervisionada! [risos]

[Profissional de body piercing, 9º ano de escolaridade, sexo feminino, 34 anos]

Dada a divergência neobarroca que caracteriza a estética do corpo extensivamente tatuado, a experiência de se sentir constantemente observado no quotidiano é habitual entre quem o ostenta. Quando o olhar (real ou fantasmático) surge como primeira forma de relação com estes sujeitos, torna-se muitas vezes ostensivo para quem o experimenta na pele. Na apreensão do olhar que lhes é endereçado, e como a sucessiva experiência social lhes indica, os sujeitos pressupõem que esse acto vem impregnado de processos judicativos e de categorização, frequentemente de natureza negativa e estigmática, induzindo efeitos de suspeição e acusação de ter um passado ou um presente marginal, remetendo-os para figuras sociais pouco reputadas, como o «recluso», o «drogado» ou a «prostituta».

Ora, os mecanismos sociais de censura, recriminação e/ou incriminação social instalam-se na vida quotidiana justamente «a partir das designações, dos nomes e das classificações que são atribuídos aos outros e às coisas que escapam à nossa compreensão imediata de normalidade. [...] A partir do momento em que o rótulo circula como atributo da pessoa, tal facto não pode deixar de originar consequências psicológicas e sociais» (Ferreira 2000, 664). É nesta óptica que o sujeito extensivamente marcado, ao tomar consciência de ser olhado, sente ocupar um lugar no mundo, mas pressente também que corre o risco de se deixar definir pelo mundo, vendo a sua condição de *pessoa*

(individual) subtrair-se à condição de *figura* (social). O olhar do outro pode ficar aquém do seu ser (no que é e/ou do que quer ser) nesse mundo, quando o campo de percepção desse outro é limitado pelo quadro de inteligibilidade historicamente associado às figuras marcadas, com todos os preconceitos e estereótipos de que padece.

Ainda há aquela tendência – há menos mas ainda há aquela tendência – de uma pessoa julgar «olha, aquele tem brincos, é drogado! Aquele tem tatuagens, teve preso!» Hoje em dia, ainda há um bocado essa mentalidade entre as pessoas. [...] Eu gosto quando uma pessoa passa por mim e não liga! É sinal que a pessoa está habituada a ver e a mentalidade dela é bastante aberta. Não gosto daquelas pessoas que passam por mim, olham e comentam, mas segredando. Acho que é um mau sinal. E acho que essa pessoa, logo aí, já me está a pôr um bocado de parte. Mesmo não me conhecendo de lado nenhum, já me está a pôr à parte das outras pessoas todas

[Profissional de body piercing, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

Nesta remissão, o exercício do olhar do outro sobre si próprio é lido pelo sujeito marcado como uma tentativa de lhe limitar a liberdade e minar as possibilidades de acção. É um olhar judicativo dotado de um poder estruturante, perante o qual o sujeito acaba por organizar as suas atitudes e comportamentos públicos. Daí que, ao desafiar o olhar e, simultaneamente, as categorias tradicionais e «naturais» de leitura do corpo, o acto de o marcar permanentemente acabe por conter um sentido de *prova*: através dele o sujeito não só tem oportunidade de experimentar voluntariamente os seus limites sensoriais como, ao ostentar publicamente o seu projecto corporal, se serve da rua para desafiar a sua capacidade de resistência social perante o exercício de coacção lido no olhar dos outros.

Senti bastante o choque das pessoas, pais, professores, vários amigos, as pessoas mais próximas. [...] [Tive] o trabalho de suportar tudo o que adoem de usar um piercing. Primeiro, as más reacções familiares. Depois o facto de sabermos que será bastante mais difícil conseguirmos emprego. Depois ainda o facto de sabermos que grande parte das pessoas poderá condenar aquilo que nós estamos a fazer e que estamos a utilizar.

[Profissional de body piercing, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

A intervenção do *outro*, seja este significativo ou generalizado, acaba por estar sempre subjacente aos processos de construção dos projectos de marcação corporal, não apenas enquanto *referência* inspiradora mas também como *constrangimento*, designadamente por via das expectativas e previsões que os sujeitos marcados formulam sobre as potenciais reacções sociais à sua opção de corporeidade. Neste contexto, quando os projectos de marcação corporal atingem uma extensão que excede largamente os limites de *in-disciplina* corporal socialmente tolerados, estes acabam por ser objecto de ponderação, gestão e negociação social por parte do sujeito extensivamente marcado, em virtude do foco de tensão social que tais projectos (ainda) introduzem (Irwing 2000).

Estratégias de gestão social da pele pública: enfrentamento, evitamento e encobrimento

A reflexividade subjacente à elaboração destes projectos corporais vê assim incluída a consciência e o cálculo dos riscos que a sua diferença radical acarreta, bem como o reconhecimento das condições para a visibilização social da mesma. Trata-se de um processo representacional de síntese de expectativas e projecções que antecipa (re)acções potenciais de outros e resulta na gestão social do projecto e em ajustamentos de comportamento. Na trajetória da sua experiência social enquanto sujeitos marcados, estes jovens vão aprendendo a acautelar como, quando e onde os seus corpos tatuados irão ser admirados, meramente tolerados ou veemente repudiados.

Nunca tinha tido uma direcção de turma, nunca tinha estado numa sala à frente de pais de trinta crianças, na qualidade de «sou eu que tomo conta dos problemas deles em todas as disciplinas, é comigo que têm de tratar». E pensei «eles vão olhar para mim e vão pensar: será que esta fulana tem capacidade para tratar dos problemas, se eventualmente houver problemas com o meu filho?» Pensei um bocado nisso. [...] Ponderei, essencialmente, foi o que é que isso [o corpo tatuado] me iria trazer na relação com os outros, e os outros eram basicamente os meus pais. [...] E aliás, eles tiveram muito tempo sem saber.

[Professor do ensino secundário, licenciatura, sexo feminino, 32 anos]

Perante as contingências que encontram na interacção face a face, os sujeitos extensivamente tatuados desenvolvem estratégias de gestão social do seu projecto de corpo, as quais passam, fundamentalmente,

pelo *enfrentamento* e/ou pelo *evitamento* dos constrangimentos encontrados na sua experiência quotidiana, consoante a avaliação prévia que fazem dos contextos, dos protagonistas e das situações esperadas. São estratégias comuns a quem tem uma «carreira moral» semelhante, ou seja, uma sucessão de experiências afins de aprendizagem relativa à sua condição desacreditável, com uma sequência igualmente semelhante de ajustamentos pessoais (Goffman 1988 [1963], 41).

Conscientes da condição social desacreditável que um corpo marcado pode gerar ao seu portador, estes jovens desde cedo aprendem a lidar quotidianamente com olhares e reacções mais ostensivas de recriminação, suspeição e/ou incriminação, a enfrentá-las e/ou a evitá-las. A partir das primeiras marcas, muitos passos na vida passam a ser preparados, reflectidos, precavidos, os possíveis riscos sociais acautelados, antecipados e, de preferência, evitados.

Mas há, de facto, às vezes, situações que tu te sentes um bocado pouco confortável. [...] Eu aguento-me lindamente. Há anos, mesmo antes de ter tatuagens, eu já tinha de acarretar com o ser diferente e com o ter o cabelo não sei de que tamanho.

[Profissional de *body piercing*, 9º ano de escolaridade, sexo feminino, 34 anos]

Se eu gosto disto e quero seguir assim, quero ser assim, e identifico-me com isto, tenho que saber que me vou deparar com certas atitudes de pessoas que me vão... vão controlar de uma maneira que eu, claro, não me vou sentir bem.

[Tatuador, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 24 anos]

As estratégias de *enfrentamento*, correspondentes ao grau zero da fase de aprendizagem da gestão social intercorporal, são estratégias eminentemente reactivas que tendem a ser activadas em situações momentâneas, pouco preparadas, sobretudo passadas com desconhecidos na vida quotidiana. São estratégias utilizadas para gerir a tensão social decorrente da visibilidade do projecto corporal em determinadas situações sociais, no sentido da redução ou minimização dos efeitos do estigma, de modo a tornar mais fácil para si e para os outros a vivência dessa mesma situação.

Este tipo de estratégias pode começar por assumir a forma de *revolta*, quando o sujeito tatuado, acusando a recepção do olhar estig-

mático, entra em situação de ruptura e conflito com o outro, reagindo contra ele com indignação, violência verbal ou até mesmo física. Numa fase seguinte, diante das reacções com que têm de lidar no seu dia-a-dia, este jovens já tendem a optar por uma atitude de *indiferença* – no sentido de actuar desvalorizando a reacção alheia, menosprezando-a – ou por uma atitude de *provocação irónica*, caracterizada pela encenação de uma reacção ostensiva de desafio e gozo perante esse mesmo olhar, como que, ironicamente, a confirmar a agressividade e a violência simbólica lida no projecto.

Ao princípio revoltava-me pelo facto de as pessoas dizerem isto ou aquilo... [revolta] Agora já me passa completamente ao lado... [indiferença] Respondia, sim. Chegou a provocar-me alguns dissabores, mas nada que não se possa ultrapassar.

[Profissional de *body piercing*, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

Quando ouço algum zum zum, tipo passa aqui um grupo de velhas e ouve: «olha aquele!...» e não sei quê, é tipo quando eu puxo logo assim d'uma guarda escarreta logo para meter nojo e dou-lhes mesmo com o punk à força toda! Dou-lhes logo com a bota! Isto é assim: quando eu sinto que estão com nojo de mim, é quando eu tento botar mais nojo. Isso é a minha atitude punk para chocá-los mesmo. Quando mais não gostam, mais eu faço para não gostarem. [provocação irónica]

[Electricista na construção civil, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 28 anos]

Se em determinadas situações sociais quotidianas, sobretudo com outros generalizados, o sujeito extensivamente tatuado faz questão de afirmar e radicalizar a sua distintividade individual, e de viver a relação com o outro não tatuado sob o modo da rebelião e da provocação, noutras esferas sociais, calculando os eventuais riscos de conflito, tensão e/ou sanção social, esse mesmo sujeito aceita trair um pouco a sua afirmação identitária no sentido de diminuir ou resolver esses mesmos riscos. Consciente dos riscos sociais que um projecto extensivo de marcação corporal comporta e, ao mesmo tempo, desconhecendo a forma como será categorizado e acolhido em determinados contextos e situações sociais, o portador de um corpo extensivamente tatuado tenta muitas vezes antecipar eventuais situações socialmente

desconfortáveis, de modo a proteger-se perante potenciais efeitos adversos.

A incerteza de como a informação social inscrita no seu corpo será lida e do descrédito que poderá provocar, a par da vivência banal de situações de violência psicológica (a humilhação muitas vezes sentida perante situações de desconfiança, suspeição e tolerância vigiada), violência verbal (o insulto) ou, por vezes, até física (as rixas) por parte de outros não marcados, leva-o ao cálculo antecipado deste tipo de reacções em determinadas situações de interacção face a face, com determinados actores sociais, em determinadas zonas sociais, e a optar pela sua neutralização através de *estratégias de evitamento*. Estas, de natureza eminentemente defensiva, tendem portanto a ser caracterizadas pela *prevenção* de julgamentos críticos e reacções adversas, ou seja, o seu accionamento é previamente antecipado e preparado, de maneira a facilitar o decorrer da interacção quotidiana e a evitar ou minimizar eventuais conflitos.

São, em grande medida, *estratégias* através das quais é tentado um ajustamento da imagem de si às expectativas do outro. Antes da sua aparição em determinada esfera social ou diante de determinadas figuras, o jovem faz um trabalho prévio de tradução, antecipando a gramática de recepção potencialmente aplicada ao seu corpo e as eventuais tensões daí decorrentes. Como resultado desse cálculo, o jovem formulará o projecto, adaptando os seus actos de vontade aos limites das possibilidades que lhe vão sendo socialmente oferecidas, ou dissimulará a sua imagem corporal⁶, criando provisória ou intermitentemente uma fachada conforme à identidade esperada.

Acho que há sempre um certo receio também [...] em relação a possíveis amizades que eu faça, em relação aos familiares deles. Nunca sei bem como é que hei-de reagir perante eles. Se calhar, a melhor maneira é mesmo tapar as coisas e não as mostrar, até para não dar azo a que falem, e que chateiem e que digam «mas se aquele gajo é assim e não sei quê, eu não gosto que andes com ele!» [...] Então, para não dar hipótese de que isso aconteça, acho que o melhor é mesmo uma pessoa... Prontos, quando lhe apetece andar de manga curta, anda de manga curta. Mas quando vai a algum sítio assim onde uma pessoa não tenha muita confiança com as pessoas, veste uma camisa ou uma sweatshirt ou qualquer coisa, e põe os braços tapados.

[Profissional de *body piercing*, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

Aqui, a questão que se coloca não é a da tensão gerada nos contactos sociais intercorporais, como nas estratégias de enfrentamento, mas a questão da gestão da informação sobre o atributo diferencial em causa. Revelá-lo ou ocultá-lo, quando, onde e perante o escrutínio de quem, passam a ser decisões habituais na rotina social do sujeito extensivamente marcado. Mais do que gerir a tensão produzida perante a visibilidade do projecto, este tipo de estratégias tenta a gestão da informação social concedida pelo corpo e que circula a partir dos olhares que com ele se cruzam. Tal é habitualmente efectivado, ponderando e negociando os limites públicos da sua expressão corporal, ou pela tentativa do jovem em manter em segredo, total ou parcial, o seu projecto corporal, gerindo a visibilidade do mesmo através de estratégias de *encobrimento* da fachada (Goffman 1993 [1959], 72).

De facto, tende a começar por haver uma rigorosa e hábil ponderação estratégica da *geografia corporal das marcas*, no sentido de antecipar e preparar a possibilidade de o projecto não vir a ser conhecido em situações sociais que implicam, à partida, maior perigo de discriminação pelo corpo. A experiência da discriminação induz um efeito de gestão social da visibilidade do projecto de marcação corporal, que desde cedo é formulado, considerando a sua capacidade de ser situacionalmente disfarçado. A inscrição de marcas, sobretudo de extensas tatuagens, dada a sua natureza permanente, deve ser evitada na *pele pública*, isto é, em territórios corporais difíceis de camuflar por peças de vestuário - designadamente do antebraço para a mão e do pescoço para cima -, de modo a poderem ser facilmente dissimuladas em determinadas situações sociais.

Nós, por norma, não devemos fazer nem marcar as partes do corpo dos pulsos para as mãos, nem do pescoço para a cabeça, não é? São as partes mais difíceis [de esconder]. Hoje em dia é sempre muito complicado uma pessoa arranjar trabalho, não é?... A sociedade assim o exige!

[Profissional de *body piercing*, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

Somente quem tem o «privilegio» de trabalhar em segmentos laborais não cativos de qualquer preconceito - designadamente, no circuito da marcação corporal, em misteres onde as marcas já têm

uma presença histórica, ou em actividades profissionais associadas a *ondas* ou *cenar juvenis* com muita familiaridade com este modelo de corporeidade - pode começar a engalanar sem constrangimentos marcas corporais para além dessas *zonas-tabus* (Ferreira, 2008).

Posteriormente, as estratégias de evitamento tendem a consubstanciar-se em acções que implicam a *gestão total ou parcial da visibilidade* das marcas corporais já inscritas, ou seja, respectivamente, a ocultação do projecto de marcação em toda a sua extensão, ou apenas a dissimulação da real dimensão que assume no corpo. Das zonas sociais mais arriscadas socialmente, onde o accionamento de estratégias de evitamento sucede com maior frequência, destacam-se os universos *familiar* e *laboral*, justamente porque são zonas onde o outro não marcado está em posição de exercer controlo, deixando o jovem marcado numa situação socialmente mais vulnerável. As primeiras marcas corporais ou a dimensão corporal que o projecto está a tomar são, muitas vezes, escondidas do olhar da família. O mesmo tende a suceder aquando de situações de entrevista para a obtenção de um novo emprego ou de integração em novos ambientes de trabalho.

[Os meus pais reagiram] Mal! Muito mal! [...] Mesmo hoje em dia a reacção continua a ser negativa. Mas a quantidade, ao certo, também não sabem quantas são, nem qual é a extensão, por que restringem-se só ao que vêem e não ao que existe na verdade. [...] Se eu, por exemplo, tiver necessidade de mudar de roupa, sou incapaz de mudar à frente do meu pai.

[Cozinheiro, frequência universitária, sexo masculino, 28 anos]

[O piercing no queixo...] Trás sempre problemas, sabes?... De vez em quando tenho que o tirar. [...] Eu sei que se for pedir emprego, vou ter que tirá-lo! [...] É evidente que se eu me aperceber que a pessoa [que a está a entrevistar para um emprego] não gosta de tatuagens, eu nunca vou mostrar, nem vou para o emprego com as tatuagens à mostra. [...] Quando fui à entrevista do trabalho em que estava antigamente, o homem ficou assim a olhar para as minhas orelhas. Mas eu também fui suficientemente esperta para levar o cabelo solto, para não se ver tanto.

[Profissional de *body piercing*, estudante universitário, sexo feminino, 27 anos]

A família é um lugar primordial de intensa socialização e disciplina do corpo, onde mais ou menos intencionalmente se educam e

ritualizam formas de expressão corporal, se modelam imagens e técnicas corporais, em suma, se delimita o espaço de possibilidades corporais desde a mais tenra idade. O acto de marcar o corpo, muitas vezes agenciado à revelia dos pais, enuncia um gesto de emancipação perante o controlo corporal e social da família, prefigura uma tomada de decisão sobre si próprio onde a autoridade sobre o corpo legado pelos pais é reivindicada para o próprio. Daí a oposição muitas vezes reactiva dos pais à forma expressiva como os filhos lhes tentam demonstrar ter entrado num processo irreversível de autonomia.

Por outro lado, não podemos esquecer-nos de que a diferença geracional inscreve as referências e os valores dos pais há mais de vinte anos atrás, uma época em que os *piercings* eram praticamente desconhecidos e as tatuagens eram associadas a uma significação pejorativa. Donde a *guerrilha semiótica* (Hebdige 1986 [1979], 17-18) que, muitas vezes, opõe pais e filhos sobre as gramáticas das marcas corporais, uns e outros recorrendo nos seus julgamentos a sistemas de valores e de significação contraditórios.

Ninguém me poderá a mim querer dizer o que é que eu faço ou o que é que eu deixo de fazer com o meu corpo! É meu, acima de tudo! [o entrevistado é muito afirmativo, quase soletra silabicamente as frases que vai dizendo] Não é da minha mãe, não é do meu pai, que são os responsáveis por eu estar vivo. Eles muito menos são aqueles que poderão controlar o que eu faço ou não faço. Apenas eu, mais ninguém, pode dizer o que é que eu faço com o meu corpo! [...] Tive grandes problemas com os meus pais... [...] Sei lá, começaram logo a associar também à droga e essas coisas... [...] No início, houve aquele choque! Que é um choque de ideias, de ideologias, sei lá, de gerações.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

Mas é na esfera profissional, mais do que na familiar, onde é mais notória a gestão da visibilidade social das marcas corporais por parte dos seus praticantes, enquanto estratégia de evitamento de potenciais sanções decorrentes da recepção social que tais marcas poderão ter nesse contexto. Ou até à parcial ou total reconversão do visual, o que ocorre a favor de uma integração social normativa necessária à sobrevivência social do sujeito. O visual neobarroco, por sua vez, passa a ser recorrentemente exibido apenas na esfera convival e de lazer.

Pá, tenho este aspecto! Já me disseram que é assim: «ou continuas a lutar ou tens que arranjar um trabalho dentro do meio, ou seja, tipo a tatuar ou a fazer "piercing", ou teres uma loja de "streetware" que condiga com a tua imagem», onde as pessoas já esperem estar um gajo desses. Ou então aquelas profissões onde tu estás habituado a ver. Qualquer camionista tem uma tatuagem. Só profissões assim dessas. Porque te fecha bué as portas. Fecha bué portas... [...] Sei perfeitamente que há certos trabalhos que um homem não pode fazer. Já sabe que, a priori, está riscado, porque requerem uma imagem... E se eu tivesse só do cotovelo para cima, era como o outro. [...] Qualquer gajo que pense muito bem antes de começar a fazer do cotovelo para baixo ou do pescoço para cima.

[Electricista na construção civil, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 28 anos]

O mundo do trabalho configura uma zona social onde entram em jogo constrangimentos normativos dos visuais que levam a que o indivíduo nem sempre pareça o que é, por imperativos da ordem do *dever parecer*, mais do que do *dever ser*. É, portanto, um espaço que impele à reflexividade pessoal sobre os princípios da realidade (o que posso fazer), do dever (o que devo fazer) e do querer (o que quero fazer) (Calvo 2001), dando azo a interessantes fenómenos de desdobramento identitário no desempenho individual de papéis sociais (Goffman 1993 [1959])⁷.

Nestas circunstâncias, compreende-se que o mercado de trabalho seja habitualmente percebido e vivido pelos jovens praticantes de marcas corporais em maior extensão epidérmica, como um dos principais espaços de constrangimento ao desenvolvimento e à assunção pública do respectivo projecto de corporeidade, obrigando-os frequentemente a accionar toda uma panóplia de estratégias de gestão social desse mesmo projecto para que não induza efeitos de descrédito moral e profissional sobre o seu portador. A opção por este tipo de estratégias é, contudo, sentida por estes jovens como uma forma de *corrosão do carácter* (Sennett 1998), no sentido em que entendem que, ao esconderem as suas marcas corporais, estão a ser obrigados a prescindir de um dos traços pessoais que mais valorizam neles próprios e através do qual procuram ser reconhecidos e valorizados pelos outros, pondo em causa a manutenção e a fidelidade do «eu» a si próprio e perante os outros.

A partir do momento em que começamos a entrar no mundo do trabalho, grande parte deles [os amigos com tatuagens e piercings] tiveram de abdicar daquilo para começar a apresentar-se de outra maneira. [...] É a situação laboral que faz com que muitas das pessoas tenham de abdicar de formas como gostariam de se vestir ou de se apresentar. É o modelo imposto, é o estereótipo. [...] Estou numa fase da minha vida em que tive que me prostituir um pouco, se quiseres, lá está, ao estereótipo, ao modelo existente. E não me sinto bem. Não me sinto bem por estar desprovido de brincos, não me sinto bem por ter de ir trabalhar a ter de esconder partes das tatuagens – algumas não consigo mesmo esconder, por muito que tentasse. E custa-me! [...] Espero que um dia mais tarde, se me mantiver dentro deste género de actividade, já possa andar como quero, manga curta, cheio de brincos na cara, e que ninguém me vá dizer absolutamente nada. Sabem que sou capaz de cumprir com aquilo que é a minha obrigação, e não é o facto de ter tatuagens ou brincos que faz com que eu trabalhe mais ou menos que os outros.

[Profissional de body piercing, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

O resultado da aplicação destas estratégias de camuflagem é uma forte tensão subjectiva, devido à perda de *sinceridade* do projecto identitário em muitas situações ou esferas sociais, onde ele aceita renunciar à sua autenticidade⁸, a «ser ele próprio», no sentido de gerir o potencial *défi*ce de reconhecimento que a sua corporeidade poderá impelir sobre a sua pessoa (Schaut 1999). Afinal, a dignidade do usuário de um corpo extensivamente marcado passa por ver afirmada e reconhecida a sua diferença pessoal na esfera pública, onde supõe ser apreciado pela sua diferença radical, ser reconhecido na sua distintividade pessoal, exigindo simultaneamente igual tratamento social.

Quando a dissimulação acontece, é por eles subjectivamente sentida como um entrave à assunção da autenticidade da sua individualidade, sendo vivida como um atentado à plena realização do seu projecto identitário e de estilo de vida, na medida em que cria uma importante discrepância entre *identidade social real* e *identidade social virtual* (Goffman 1988 [1963], 12). São estratégias que potenciam a experiência de um «eu oprimido», «*habitus* dilacerados, presas da contradição e da divisão contra si próprios, geradores de sofrimento» (Bourdieu 1998, 142).

É por referência à sua experiência quotidiana de discriminação social que estes jovens, num esforço contínuo de *normificação* discursi-

va⁹, se preocupam em desconstruir os estereótipos que radicam sobre a sua diferença em termos de imagem corporal, bem como, simultaneamente, em legitimar colectivamente a sua «normalidade social», «integridade moral» e «capacidade laboral», no sentido de restituir a sua condição de *pessoa* subtraindo-a à de mera *figura* reduzida a um atributo corporal histórica e socialmente descredibilizado.

Considerações finais

Perante o panorama traçado, a dimensão estética das marcas corporais não se revela, inevitavelmente, um fim em si. O corpo extensivamente marcado expressa convicções, valores e representações do modo como o sujeito se define a si próprio e perante a sociedade em que vive, sendo também mobilizado como manifestação de distanciamento simbólico face a um mundo que o seu usuário sente que espartilha a sua acção no espaço social (Ferreira, 2007). A reflexividade transformadora característica destes jovens integra, pois, a reivindicação de uma *política de vida* que se pretende singularizada (Giddens 1997 [1991]), mas também socialmente *reconhecida* nessa mesma singularidade¹⁰. O que passa, desde logo, pelo reconhecimento do corpo extensivamente tatuado como uma possibilidade de corporeidade entre outras possíveis, em conjunto com outras estéticas e decisões estilísticas sobre a sua vida, tentado abrir caminho para a convivência na diferença (e não apenas *com* a diferença).

Mais do que funcionar como antítese social, as suas acções procuram promover a incorporação social de *estruturas de reciprocidade intersubjectiva* (Yar 2001, 72-3), no sentido da abertura à alteridade, da sensibilidade à diferença, do reconhecimento da pessoa na sua singularidade e não na continuidade de traços classificatórios que a posicionam no contexto de determinadas identidades colectivas¹¹. Numa época em que existe uma verdadeira «acumulação de diferenças» (Lash e Featherstone 2001, 9), a pretensão política dos jovens extensivamente marcados reflecte, nesta perspectiva, uma estratégia de *remoralização da vida quotidiana*, no sentido de integrar e fazer reconhecer na ordem moral da actual sociedade a necessidade de *dignidade* e *respeito pela* diferença individual. Um reconhecimento que, neste caso, não se orienta no sentido da esfera institucional do sistema político¹², e não se almeja no plano do direito jurídico com base na

reclamação dos valores universalistas de igualdade, solidariedade e justiça perante as instituições públicas e políticas, mas no plano da própria quotidianidade social dos indivíduos, considerando as suas «necessidades afectivas e de reciprocidade na estima social de outros concretos» (Fraser e Honneth 2001).

A política de dignidade na diferença, aqui, implica ser-se reconhecido como único, no sentido em que se é reconhecido não apenas como cidadão susceptível de ter direitos iguais, mas reconhecido na sua particularidade e respeitado enquanto pessoa. Trata-se, portanto, de uma cultura política contra a humilhação, a injúria e o insulto mundano (Fraser e Honneth 2001), ou seja, contra todas as acções ultrajantes, discriminatórias e menos cortesias que, de uma forma ou de outra, afectam quotidianamente o sentido de *dignidade* desses jovens. A sua exigência de reconhecimento vai a par da reivindicação e luta pela dissolução de uma sociedade menos prescritiva e normativa, com critérios de «normalidade» cuja rigidez e grau de institucionalização é susceptível de transformar toda e qualquer diferença radical em *estigma*.

Aquele corpo que, à luz de uma gramática de recepção hegemónica, é frequentemente lido como sintoma de uma frágil condição psicológica, traduz efectivamente uma «frágil forma de luta social» (McDonald 1999, 5) pelo reconhecimento, respeito e dignidade de uma subjectividade que se constrói e se revê socialmente numa *política de vida dissidente*, orientada por princípios éticos de autenticidade, singularidade e liberdade de acção. Daí os entrevistados reclamarem como crucial uma forma de reconhecimento social que, no seu julgamento enquanto pessoas no confronto social quotidiano, se mantenha dissociada do julgamento da sua imagem corporal, considerando todos os estereótipos que sobre ela recaem. A exigência de respeito e dignidade não vem, assim, substituir o sentimento de injustiça fundador da acção política dos movimentos sociais mais tradicionais, mas vem trazer-lhe uma diferente coloração, enquanto expressão efectiva do *ressentimento* sentido pelos sujeitos em situações concretas e quotidianas de dominação, estigmatização e marginalização social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Babo, Maria Augusta. 2003. A auto-bio-grafia como máquina-antropomórfica de escrita. *Revista de Comunicação e Linguagens* 32: 91-99.
- Boltantsky, Luc. 1975. Les usages sociaux du corps. *Annales - Économies, sociétés, civilisations* 26 (1): 205-33.
- Bourdieu, Pierre. 1998. O conhecimento pelo corpo. In *Meditações Pascalianas*, Pierre Bourdieu 113-44. Oeiras: Celta.
- Calabrese, Omar. 1999 [1987]. *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70.
- Calvo, Gil. 2001. *Nacidos para cambiar*. Madrid: Taurus.
- Connerton, Paul. 1993. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora.
- Diógenes, Glória. 1998. *Cartografias da Cultura e da Violência. Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume.
- Ferreira, Pedro Moura. 2000. Infracção e censura - representações e percursos da sociologia do desvio. *Análise Social* 34 (151-152): 639-71.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2003. Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo. In *Conduitas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo*, ed. José Machado Pais e Manuel Villaverde Cabral, 265-366. Oeiras: Celta Editora.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2007. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica* 11 (2): 291-326.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2008. Os ofícios de marcar o corpo: a realização profissional de um projecto identitário. *Sociologia. Problemas e Práticas* 58: 71-108.
- Fraser, Nancy e Axel Honneth. 2001. *Redistribution or Recognition? A Philosophical Exchange*. Londres: Verso.
- Giddens, Anthony. 1997 [1991]. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Goffman, Erving. 1988 [1963]. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Goffman, Erving. 1993 [1959]. *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hebdige, Dick. 1986 [1979]. *Subculture. The Meaning of Style*. Londres: Methuen.
- Honneth, Axel. 1995. *The Struggle for Recognition: the Moral Grammar of Social Conflict*. Cambridge: Polity Press.
- Honneth, Axel. 2004. *Morality and Recognition*. Cambridge: Polity Press.
- Irwing, Katherine. 2000. Negotiating tattoo. In *Constructions of Deviance. Social Power, Context, and Interaction*, Patricia A. Adler e Peter Adler (orgs.), 469-79. Belmont: Wadsworth.
- Lash, Scott e Mike Featherstone. 2001. Recognition and difference. *Politics, identity, multicultural. Theory, Culture and Society* 18 (2-3): 1-19.
- Le Breton, David. 2002. *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.

- Maffesoli, Michel. 2002 [1992]. *La transfiguration du politique. La tribalisation du monde postmoderne*. Paris: La Table Moderne.
- McDonald, Kevin. 1999. *Struggles for Subjectivity: Identity, Action and Youth Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nancy, Jean-Luc. 2004. Cinquenta e oito indícios sobre o corpo. *Revista de Comunicação e Linguagens* 33: 15-23.
- Pais, José Machado. 2008. Quotidiano e reflexividade. In *Sociedades Contemporâneas. Reflexividade e Acção*, Anália Torres e Luís Baptista (orgs.), 241-59. Porto: Edições Afrontamento.
- Sartre, Jean-Paul. 1998 [1943]. *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Schaut, Christine. 1999. Denis de reconnaissance et stratégies de réparation. *Recherches sociologiques* 2: 85-101.
- Sennett, Richard. 1998. *The Corrosion of Character. The Personal Consequences of Work in the New Capitalism*. Nova Iorque e Londres: W.W. Norton & Company.
- Simmel, Georg. 1997 [1903]. A metrópole e a vida do espírito. In *Cidade, Cultura e Globalização*, ed. Carlos Fortuna, 31-43. Oeiras: Celta.
- Trilling, Lionel. 1994 [1971]. *Sincérité et authenticité*. Paris: Grasset.
- Veron, Elisio. s/d. *A Produção de Sentido*. São Paulo: Cultrix.
- Yar, Majid. 2001. Recognition and the politics of human(e) desire. *Theory, Culture and Society* 18 (2-3): 57-76.

NOTAS

* Este artigo corresponde a uma versão revista e resumida do último capítulo do livro *Marcas Que Demarcam. Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis*, do autor, publicado no final de 2008 pela Imprensa de Ciências Sociais. Em termos metodológicos, muito sinteticamente, a informação empírica apresentada e analisada neste artigo é proveniente de relatos obtidos em situação de *entrevista, semiestruturada* na sua preparação e *semidirectiva* na sua aplicação, a portadores de corpos extensivamente marcados, multitatuados e multiperfurados, profissionais ou apenas consumidores de tatuagem e *body piercing*. Foram efectuadas quinze entrevistas individuais em *profundidade*, de natureza biográfica, realizadas em várias sessões. Os entrevistados foram recrutados em estúdios de tatuagem e *body piercing* de Lisboa e arredores, entre 1999 e 2004.

¹ Onde se misturam, «até à indeterminação, a experiência de vida, a vivência, a elaboração imagética, a associação mnésica, enfim, uma verdade sempre já impura que é resultado desse heterogéneo e insondável trabalho de memória [...] todo um trabalho que consiste em fazer coincidir o corpo anó-

nimo e singular com um nome e a linguisticidade de um eu» (Babo 2003, 97-98).

² O conceito de *cultura somática* corresponde ao conjunto de regras, códigos e condutas produtivas, perceptivas e consumistas que têm o corpo como avatar e que resultam de condições sociais objectivas. Nas palavras de Boltanski, a construção do corpo faz-se «em primeiro lugar pelo sistema de relações entre o conjunto de comportamentos corporais dos membros de um mesmo grupo e, em segundo lugar, pelo sistema de relações que unem aqueles comportamentos corporais e as condições objectivas de existência próprias àquele grupo, relações que não podem em si mesmas ser estabelecidas, a não ser [...] que se proceda à análise e à descrição somática próprias desse grupo» (1975, 208).

³ Cuja essência assenta na «indiferença perante as distinções entre as coisas. Não no sentido de que as coisas não são percebidas, como no caso do débil mental, mas antes no sentido de que não são percebidas como significantes. Elas surgem à pessoa *blasé* num colorido homogéneo, monótono e cinzento, sem que alguma delas possa ser preferida à outra» (Simmel 1997 [1903], 35).

⁴ O efeito de *choque* dos projectos de marcação corporal corresponde ao «ruído cultural» que provocam na vida social, o qual será tanto mais elevado quanto maior for a distância entre as «gramáticas de produção» e as «gramáticas de recepção» (Veron s/d). As primeiras dizem respeito aos códigos investidos no projecto de marcação corporal na intenção de quem os promove, sendo as segundas relativas aos códigos de leitura e interpretação que presidem à percepção social dos seus receptores. É no potencial *espaço de confronto* entre essas gramáticas que, numa espécie de «guerrilha semiótica» (Hebdige 1986 [1979], 17-18), se funda o *valor de choque social* de que as marcas corporais são investidas. Ou seja, num plano estritamente semiótico, quanto maior for o desajustamento entre os códigos investidos no projecto de marcação corporal por parte de quem o promove, e os códigos de leitura e interpretação que presidem à sua percepção exterior, maior o valor de choque social desses recursos.

⁵ Como na prisão, em meios LGBT ou nas forças armadas, por exemplo.

⁶ A *dissimulação* corresponde aqui ao esforço que o potencial estigmatizado faz para não impor a sua presença à arte de se fazer tornar igual.

⁷ Considerando o espaço em que a situação de interacção social se desenrola, Goffman mostra-nos que a personagem que se representa é produto da cena representada.

⁸ Se a *sinceridade* pressupõe a afirmação do indivíduo através da exibição pública do que é valorizado em privado como feixe de identificações para si, a *autenticidade* exige tão-somente essa consciência e assunção para si pró-

prio por parte de si mesmo, sem que seja absolutamente necessário o respectivo reconhecimento pela *alteridade* (Trilling 1994 [1971]).

⁹ Esforço por parte do indivíduo estigmatizado em se apresentar como uma pessoa comum, sem esconder necessariamente o seu «defeito» (Goffman 1988 [1963], 40). Este esforço traduz-se no recurso estratégico a vários argumentos de ordem relativista sobre a prática de marcação corporal, como o assumir-se como «um» entre «muitos iguais», dispersos pelo mundo, ou apelar à universalidade deste tipo de práticas de modificação corporal no tempo e no espaço. Não deverá ser confundido com *normalização*, no sentido de normativizar a prática de marcação corporal, mas de a *naturalizar*.

¹⁰ Lash e Featherstone (2001) advogam a utilidade do conceito de *reconhecimento* na análise das actuais formas de cultura política, na medida em que abre espaço para a análise das novas realidades empíricas encetadas pelos novos movimentos sociais, em termos de acções e objectivos políticos. Nesta perspectiva, Fraser (2001) e Honneth (1995, 2004) distinguem as *políticas de redistribuição das políticas de reconhecimento*, sugerindo que, nas últimas décadas, tem havido no âmbito dos novos movimentos sociais uma significativa viragem das preocupações representadas pelas primeiras para as questões levantadas pelas segundas. As políticas de redistribuição são construídas com base na noção de equidade, resgatada à velha agenda de justiça social, sendo sobretudo focalizadas em objectivos económicos (mais concretamente na redistribuição dos bens materiais). As políticas de reconhecimento, por sua vez, são alicerçadas no valor da *diferença*, enquanto espaço cada vez mais indeterminado entre si e o outro, focalizando-se sobretudo em objectivos de natureza cultural, associados à reconfiguração simbólica do social e à necessidade de respeito e dignidade social e/ou individual.

¹¹ Como o género, a raça ou a orientação sexual, por exemplo, traços identitários que foram e continuam a ser politicamente mobilizados.

¹² Ainda que, como argumenta Honneth (1995, 2004), o laço entre as dimensões política e moral estabelecido entre os novos movimentos sociais tenda a proceder do facto de ser na esfera política que se garantem as condições sociais de existência necessárias ao acesso ao reconhecimento moral.

O CORPO COMO OBSESSÃO

Entrevista ao escultor José Rodrigues

João Valente Aguiar¹

Nádia Bastos²

E - Em primeiro lugar, gostávamos de lhe fazer algumas perguntas acerca do papel e do lugar do corpo na escultura?

e - O corpo é sempre um pretexto. Como devem imaginar, para alguns artistas o corpo foi utilizado até à saturação, outros passaram por lá, pintaram outros assuntos, outros temas... No meu caso, o corpo é obsessivo, o corpo torna-se obsessivo, tendo feito muitas exposições sobre esse tema. Porque o corpo é um continente, onde há tempestades, há bom tempo, há sensualidade, há repressão. No fundo, o corpo é um pretexto. Em Portugal, cheguei a desenhar troncos durante quatro-cinco anos seguidos.

E - Que tipo de esculturas com corpos humanos tem feito ao longo da sua vida artística?

e - Tudo lembra o corpo. Basicamente de todo o tipo. Tudo é motivo para fazer escultura. Ultimamente também tenho abusado do corpo humano. Talvez pela formação judaico-cristã. Uma certa repressão que criou o mito da mulher... Daí que tenha surgido essa obsessão com o corpo. Por outro lado, quando usei madeiras, madeiras em decomposição, ferros, para fazer esculturas religiosas, aquilo foi uma reacção ao corpo. Pegar em materiais brutais, anti-sensuais, para me exprimir. A exposição sobre o Iraque era quase um depoimento da minha parte. Numa outra com o Eugénio de Andrade, a sensualidade era muito marcada. Portanto, varia muito com o contexto, o tema... o artista no fundo é um tradutor, olha à sua volta e depois traduz isso para a sua obra.

E - Sobre essa temática da religião e da escultura religiosa, gostávamos de lhe perguntar o seguinte. De que modo algo aparentemente tão imaterial/espiritual como a religião implica algo tão material